

O emprego formal na indústria: RS segue o Brasil na marcha da recuperação*

Maria Isabel Herz da Jornada**

Socióloga da FEE

O mercado de trabalho brasileiro resistiu bem ao impacto da crise internacional. O desempenho do emprego formal em 2009 tem sido melhor do que se vislumbrava no começo do ano, apoiado na preservação da demanda interna. O consumo das famílias — um dos principais componentes do Produto Interno Bruto (PIB) — teve aumento de 2,1% no segundo trimestre de 2009 em relação ao primeiro, o que mostra que os brasileiros continuaram a comprar apesar da crise, estimulados pela manutenção do poder de compra dos salários e por melhores condições de crédito ao consumidor. Quando confrontado com o segundo trimestre de 2008, o consumo teve alta de 3,2%. No acumulado do primeiro semestre de 2009, os gastos das famílias cresceram 2,3%.¹

É preciso salientar, em um cenário de retomada de crescimento, a ação do Banco Central (Bacen) na recuperação do crédito, o aumento de empréstimos e financiamentos por bancos públicos e as desonerações tributárias, como a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos automóveis — com retorno gradual da taxa a partir de outubro —, de alguns eletrodomésticos e de material para construção civil.²

A previsão de um cenário positivo para o resto do ano é a aposta de vários analistas de conjuntura e de agentes econômicos, mas com a ressalva de que, por enquanto, se trata de recuperação, não de expansão do emprego formal. Nessa perspectiva, pretende-se acompanhar o saldo de admissões e de desligamentos dos empregados no segmento formal do mercado de trabalho no Rio Grande do Sul *vis-à-vis* o Brasil, no período recente, com o foco na indústria de transformação, o setor mais fortemente atingido pela crise internacional. Para tanto, utilizam-se as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), uma base de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que, desde 1992, fornece, mensalmente, todos os registros de contratações e demissões no setor formal regido pela CLT, exceto empregados domésticos, trabalhadores temporários e servidores públicos estatutários. Diferentemente da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que informa o estoque de empregados com vínculos formais em 31 de dezembro de cada ano, o Caged capta a flutuação mensal da mão de obra, possibilitando um acompanhamento ágil do desempenho do emprego celetista.³

1 O comportamento do emprego formal em 2009: Brasil e RS

Até setembro de 2008, presenciou-se, no Brasil, uma acelerada criação de empregos com carteira assinada, interrompida em outubro, quando os efeitos da crise financeira internacional começaram a ser sentidos, verificando-se uma reversão desse quadro com a des-

* Artigo recebido em 28 out. 2009.

** E-mail: jornada@fee.tche.br

A autora agradece às colegas pesquisadoras Sheila Sternberg, pela interlocução permanente e pela cooperação técnica em mais um artigo, e Clarisse Castilhos, pela atenciosa leitura, com críticas e sugestões muito bem aproveitadas.

¹ IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de Contas Nacionais. Sistema de Contas Nacionais.

² A desoneração de impostos, adotada em dezembro de 2008, teve como objetivo, diante da crise internacional, preservar empregos e promover, gradualmente, as vendas no setor automotivo. Desde 12 de dezembro de 2008, carros de até 1.000 cilindradas, que pagavam alíquota de 7% de IPI, estão isentos do tributo. Acima disso, continuaram recolhendo o IPI, mas em bases menores. Em abril de 2009, o Governo também reduziu por três meses a alíquota do IPI de geladeiras, de 15% para 5%, de máquinas de lavar, de 20% para 10%, do tanquinho, de 10% para 0%, e do fogão, de 5% para 0%. No mesmo sentido, em março, o Governo reduziu o IPI de itens da construção civil.

³ A base da RAIS diferencia-se do Caged também por ela contemplar outros tipos de vínculos empregatícios (estatutários, temporários e avulsos) e por ter uma cobertura superior à do Caged.

truição líquida de postos de trabalho nos meses de novembro de 2008 a janeiro de 2009, tendo dezembro como pico (-654.946 vagas ou -2,1% frente a novembro).⁴ Diante desse comportamento, pode-se supor que, se não houvesse a intercorrência da crise internacional, o ano teria fechado com uma marca inédita, superando 2004 (1.523.276; 6,55%) e 2007 (1.617.392; 5,85%), tidos como os melhores anos para o mercado de trabalho formal. Mesmo assim, no cômputo geral de 2008 foram geradas 1.452.204 vagas (5,01% frente a 2007), situando-se acima de 2006 (1.228.686) e de 2005 (1.253.981).⁵

A partir de fevereiro de 2009, observou-se uma lenta recuperação mês a mês, que começou com a geração de 9.179 empregos com carteira assinada em fevereiro e chegou a 252.617 em setembro (0,77% em relação a agosto), o melhor resultado mensal para esse ano e o segundo maior de toda a série histórica do Caged para setembro, superado somente pelo mesmo mês de 2008, antes do início da fase mais aguda da crise, quando foram acrescentados 282.841 postos. Com esse desempenho confirma-se o processo de recuperação do emprego formal vislumbrado nos meses anteriores, sobretudo em agosto, em que se atingiu o recorde da série histórica para esse mês (242.126). No acumulado do ano (janeiro a setembro), foram acrescentados 932.651 postos — expansão de 2,92% no nível do emprego celetista —, lembrando-se que, na fase crítica da crise (entre novembro e janeiro), o mercado de trabalho formal fechou 797.515 vagas. Todavia é um patamar substancialmente inferior ao do mesmo período de anos anteriores, notoriamente o de 2008, quando foram adicionados 2.086.570 postos (um crescimento de 7,20%), o melhor resultado para essa época do ano desde 2004 (1.666.188 ou 7,16%) — Gráfico 1.

O emprego industrial foi o mais afetado pela turbulência na economia internacional. Depois de um primeiro

semestre muito fraco diante da baixa demanda externa, a indústria de transformação voltou a demonstrar vigor nas contratações em agosto, com a adição de 66.564 postos — superior ao adicionado em igual mês de 2008. No mês de setembro, o emprego industrial cresceu ainda mais vigorosamente, com um saldo líquido de 123.318 vagas (1,68% em relação a agosto), praticamente duas vezes mais do que foi alcançado em agosto e acima do saldo de setembro do ano passado (114.002), marcando um desempenho recorde na série histórica do Caged. Com isso, o saldo acumulado no setor em 2009 tornou-se positivo pela primeira vez no ano, com um total de 62.759 postos, um incremento de 0,85% contra uma expansão de 7,48% no mesmo período de 2008 (523.974 postos), o que ilustra bem os efeitos negativos da crise econômica no mercado de trabalho brasileiro (Gráfico 1).

Diante dos outros setores, a indústria de transformação distinguiu-se pelo seu expressivo resultado em setembro, mas, no acumulado de 2009, só ficou na frente da extrativa mineral, dos serviços industriais de utilidade pública (SIUP) e da administração pública. Nos primeiros nove meses de 2009, o setor serviços é quem lidera (411.426), seguido à distância pela construção civil (184.204), pela agropecuária (130.044) e pelo comércio (101.472). Em termos relativos, sobressaiu-se a construção civil (9,54%), a agropecuária (8,34%), a administração pública (4,87%) e o serviços (3,23%), setores que, no mesmo período de 2008, cresceram a taxas de 19,66%, 16,12%, 7,79% e 6,04% respectivamente.

O destaque alcançado pelo setor serviços deve-se ao fato de ele ser pouco dependente da demanda externa, que despencou no último ano, em decorrência da recessão global. A construção civil, por seu turno, foi beneficiada pelas medidas governamentais de estímulo ao setor, como a redução do IPI em 30 itens de materiais para a construção e o programa habitacional do Governo Federal, “Minha Casa, Minha Vida”, embora a sua repercussão só deva aparecer mais nitidamente no final do ano. Lançado em abril deste ano, o Programa, que prevê a construção de um milhão de moradias para famílias com renda de até 10 salários mínimos, faz parte de uma política anticíclica, que visa aumentar os investimentos na construção civil e impulsionar a geração de emprego e renda de forma a minimizar os impactos da crise internacional sobre o emprego no Brasil.⁶

⁴ Chama-se atenção para o fato de que parte das vagas suprimidas no mês de dezembro se deve a fatores sazonais, presentes em quase todos os setores e subsetores da atividade econômica e unidades da Federação. No entanto não foi pela ação de uma sazonalidade negativa que o emprego formal caiu com essa intensidade. Tradicionalmente, o volume de postos fechados no último mês do ano é bem inferior ao do de dezembro de 2008, como mostra o resultado dos meses de dezembro dos últimos cinco anos: 2008 (-654.946), 2007 (-319.414), 2006 (-317.493), 2005 (-286.719), 2004 (-352.093).

⁵ Por razões de compatibilidade, optou-se por utilizar a mesma base Caged para examinar o estoque de empregados dos anos anteriores a 2009, tendo em vista que a base RAIS contempla um universo de empregados mais amplo do que o Caged, que se restringe ao emprego celetista. Assim sendo, embora o MTE recomende a utilização da RAIS, sempre que ela estiver disponível, para examinar a movimentação do estoque de empregados, para fins desta análise, conservou-se unicamente o Caged.

⁶ Os financiamentos são para imóveis de até R\$ 130.000,00 nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília; de até R\$ 100.000,00 nas outras capitais e nos municípios com mais de 500.000 habitantes; e de até R\$ 80.000,00 nos demais municípios. Do total de recursos destinados ao Programa (R\$ 34 bilhões), 40% são para famílias com renda mensal de até três salários mínimos.

Outro aspecto a considerar nesse contexto de certa forma surpreendente é que a crise atual levou a uma desaceleração da inflação, o que contribuiu para preservar o poder de compra dos trabalhadores. No acumulado de janeiro a setembro de 2009, a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) foi de 3,21%, bem abaixo dos 4,76% registrados em igual período de 2008.⁷

Os programas de transferência de renda do Governo Federal, notoriamente o Bolsa Família, os reajustes das pensões e aposentadorias do INSS e o crescimento do salário mínimo (SM) acima da inflação têm importante papel na preservação do nível da demanda interna, especialmente pelo lado do consumo, contribuindo para que a economia brasileira tenha sofrido menos no cenário de recessão do que a maioria dos países. Quanto ao SM, cabe lembrar que, além de seu grande significado para o mercado de trabalho, tem papel fundamental na seguridade social, representando o piso das pensões e aposentadorias do INSS.

O Rio Grande do Sul (Gráfico 2), assim como a maior parte dos estados, acompanhou a tendência do agregado nacional, logrando crescimento no nível do emprego no acumulado de 2009 até setembro (1,44%), pela incorporação de 30.631 postos, contudo abaixo da média do Brasil (2,92%). O mercado de trabalho sul-rio-grandense, que também vinha crescendo de forma significativa até setembro de 2008, sentiu de igual forma os impactos da turbulência econômica, embora com tempos e ritmos diferenciados. Naqueles meses críticos da crise, o Estado só exibiu retração do emprego em dezembro (-27.678 ou -1,3% frente a novembro); em compensação, nos meses de maio, junho e julho, quando o País estava em trajetória de recomposição do emprego formal, o RS demitiu mais do que contratou, com saldos negativos — (-4.076, -1.394 e -481 respectivamente). Já em agosto, o Estado se “alinhou” com o País, passando a mostrar um impulso de 0,51% em relação a julho (10.983 postos), e, em setembro, um novo impulso de 0,67% em relação a agosto (14.385 postos).

O confronto com o período de janeiro a setembro de anos anteriores mostra um contraste flagrante,

especialmente se tratando de 2008, quando foram acrescentados 101.323 postos de trabalho (5,15%), e de 2004, quando foram adicionados 98.109 postos (5,6%). No entanto, diferentemente do quadro nacional, o RS já enfrentou uma situação pior entre janeiro e setembro de 2005, em que o saldo líquido foi de 16.021 (0,87%), em decorrência da crise no campo — quebra de safra e forte endividamento dos produtores rurais — e do regime cambial, que prejudicou as exportações.

Em termos setoriais, em setembro, a indústria de transformação no Estado, bem mais afetada que o setor serviços pelo “tombos” da demanda externa, começou a dar mostras de recuperação, com a abertura de 4.829 vagas (0,73% frente a agosto), muito acima do que foi alcançado no mês anterior (509 vagas ou 0,08% frente a julho) e bem superior a setembro de 2008 (1.022 ou 0,15% frente a agosto). Mesmo assim, no acumulado de 2009 até setembro, o quadro é de perdas, com a eliminação de 6.279 postos, um recuo de 0,93% contra a expansão de 5,96% (38.918) em igual período de 2008 (Gráfico 2). Observa-se, na indústria de transformação do RS, o mesmo movimento descontínuo visto para a totalidade do mercado de trabalho. Ao contrário da indústria no Brasil, que mostra um crescimento ininterrupto a partir de abril de 2009, no Estado, após dois meses consecutivos de saldo positivo, o setor voltou a exibir resultados negativos em maio, junho e julho.

No RS, o emprego formal no mês de setembro teve variação positiva em praticamente todos os setores. A indústria de transformação liderou a geração de postos, seguida pelo comércio (3.646), pelo serviços (3.313) e, mais à distância, pela construção civil (1.326 postos), que exibiu a maior variação percentual no mês (1,46%), e pela agropecuária (1.070 postos).

Considerando-se janeiro a setembro de 2009, depois da indústria de transformação, é a agropecuária que mostra o pior resultado em termos absolutos, com o fechamento de 3.446 postos, o que significa uma taxa de decréscimo de 4,09%, destacando-se, contudo, sua pequena representatividade no emprego formal, no RS (em torno de 3,0% em 2008). A extrativa mineral, que tem menor representação ainda no emprego estadual (apenas 0,3% em 2008), também se saiu mal (-7,34%). Importa destacar-se a abertura de 26.160 vagas (3,46%) no setor serviços, de 7.485 (1,58%) no comércio e de 6.048 (7,20%) na construção civil, que impactaram a geração de vagas. A construção civil merece realce também por ter exibido a maior variação relativa no período.

⁷ O IPCA fechou o ano de 2008 em alta de 5,9%, dentro da meta estabelecida pelo Banco Central para o ano (4,5% com margem de 2 pontos percentuais para mais ou para menos), sendo que, em dezembro, o IPCA teve variação de 0,28%, abaixo da taxa de novembro (0,36%). A Pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central para aferir as expectativas dos operadores do mercado financeiro, divulgou, no início de outubro, a expectativa para o IPCA em 2009 de 4,31%, o que ficou dentro do centro da meta de inflação para este ano (4,50%).

Como se viu, tanto no Brasil quanto no RS, os setores serviços e construção civil, amparados na força do mercado interno,⁸ foram capazes de gerar um volume razoável de empregos no acumulado do ano, que compensou a perda de postos de trabalho na indústria. A indústria de transformação parece ter feito um ajuste muito forte, especialmente no fim de 2008 e no começo deste ano, o que, segundo alguns analistas, pode ter ido um pouco além do necessário.

Em contrapartida, a geração de emprego se concentrou nas vagas com remuneração mais baixa, tendo em vista que o setor serviços, tradicionalmente, paga menos do que a indústria. Além de a indústria ter postos com melhor remuneração que o setor serviços, na crise, muitas empresas dispensam trabalhadores que ganham mais para substituí-los por outros com salários menores. E, como a massa de rendimentos — determinada pelo nível de emprego e de salário — é um dos principais componentes da demanda interna, a sua evolução pode contribuir para abrandar ou ampliar os efeitos da crise.

Um dos piores legados da crise para o mercado de trabalho é a perda de empregos que pagam salários melhores. Com efeito, de janeiro a setembro de 2009, as reduções foram generalizadas para todas as faixas que superam o patamar de 1,5 SM no RS e de 2,0 SM no Brasil. No País, nas faixas em que se paga mais que 2,0 SM, houve perda de 415.341 vagas, enquanto, no RS, a perda para as faixas com rendimento superior a 1,5 SM foi de 49.313. Em parte, isso reflete a valorização do próprio salário mínimo, cujos aumentos acompanharam os ganhos de produtividade da economia, enquanto os salários mais elevados não tiveram reajustes semelhantes. No auge da crise no mercado de trabalho, entre novembro de 2008 e janeiro de 2009, em que o nível do emprego caiu, uma faixa no Brasil (0,51 a 1,0 SM) e duas no RS (0,51 a 1,0 SM e 1,01 a 1,5 SM) lograram crescimento de contingente, contratando mais do que demitindo.

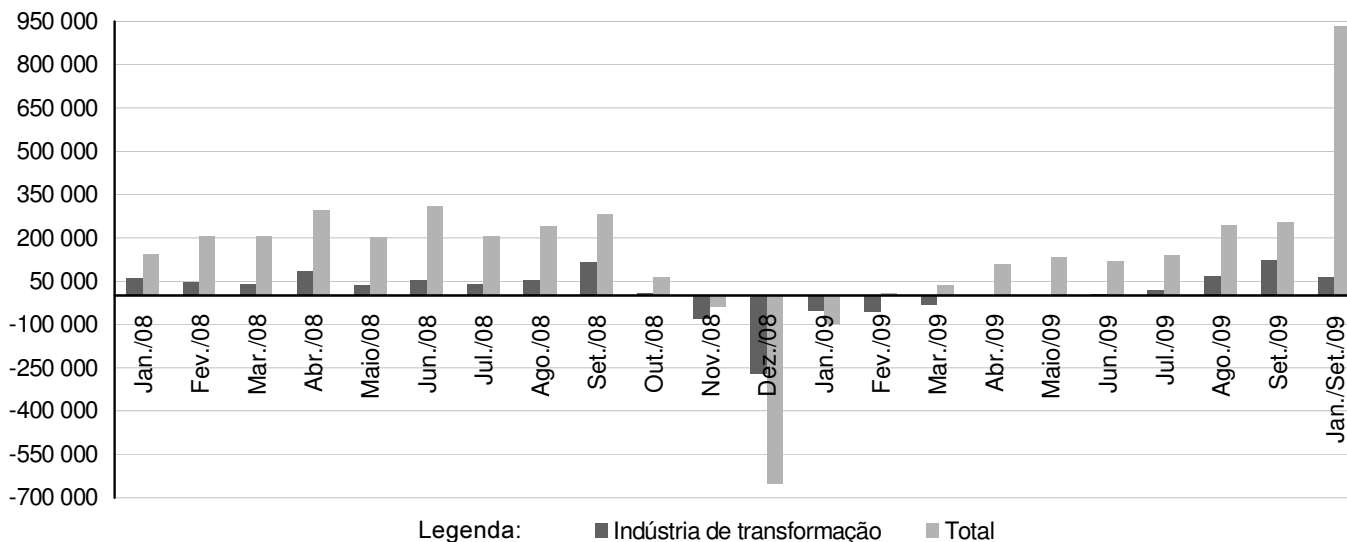
Uma reflexão interessante de ser feita diz respeito ao perfil desse trabalhador que está ingressando no mercado de trabalho, já que, ao se examinarem as remunerações, se pode cometer o equívoco de entender que os indivíduos menos escolarizados é que se estariam beneficiando desse movimento de recuperação do emprego formal. Ao contrário, a maior parte dos postos

acrescidos de janeiro a setembro de 2009 localizou-se nas faixas de escolaridade mais altas, notadamente na do ensino médio completo, que concentrou 55,90% das vagas geradas no Brasil e 97,83% no RS, e na do superior completo, no caso do Brasil, com 16,00% dessas vagas. Além de um movimento de substituição de trabalhadores para rebaixar salários, esses dados indicam que as empresas devem estar contratando trabalhadores com formação escolar acima dos requerimentos de qualificação exigidos pelos novos postos, tendo em vista que o patamar de escolaridade da população como um todo vem se elevando.

⁸ Segundo a RAIS-MTE, o rendimento médio real dos trabalhadores do mercado formal de trabalho no Brasil experimentou um acréscimo de 3,52% em 2008 frente ao ano anterior, bem mais expressivo do que os modestos 0,68% de 2007. No RS, o incremento foi menor, 2,04% (Deflator INPC).

Gráfico 1

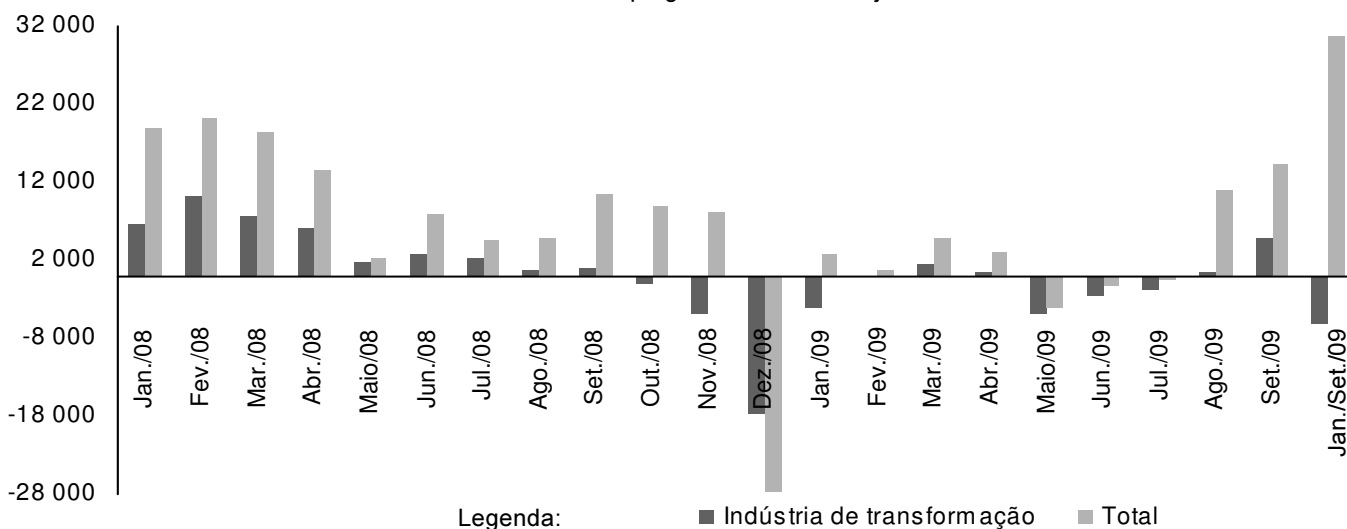
Evolução do saldo entre admissões e desligamentos na indústria de transformação e no total do emprego formal do Brasil — jan./08-set./09



FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

Gráfico 2

Evolução do saldo entre admissões e desligamentos na indústria de transformação e no total do emprego formal do RS — jan./08-set./09



FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

Tabela 1

Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal, por subsetores de atividade da indústria de transformação, no Brasil — jan.-set./08-jan.-set./09

INDÚSTRIAS	SET/08 AGO/08	ACUMULADA JAN-SET/08	SET/09 AGO/09	ACUMULADA JAN-SET/09
Minerais não metálicos	2 509	18 940	3 369	-546
Metalúrgica	8 680	58 502	8 069	-41 744
Mecânica	4 774	45 576	6 156	-21 892
Material elétrico e de comunicações	2 585	22 297	2 594	-13 977
Material de transporte	2 832	42 681	4 441	-28 401
Madeira e mobiliário	3 361	3 519	4 342	-4 690
Papel e gráfica	2 931	15 182	2 622	-1 873
Borracha, fumo e couros	-54	14 413	1 690	1 339
Química	7 864	39 681	7 908	11 872
Têxtil e vestuário	10 030	54 910	10 502	20 189
Calçados	2 939	33 176	8 893	29 910
Produtos alimentícios e bebidas	65 551	175 097	62 732	112 572
TOTAL	114 002	523 974	123 318	62 759

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS – CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

Tabela 2

Variação percentual do emprego formal, por subsetores de atividade da indústria de transformação, no Brasil — jan.-set./08-jan.-set./09

INDÚSTRIAS	SET/08 AGO/08	ACUMULADA JAN-SET/08	SET/09 AGO/09	ACUMULADA JAN-SET/09
Minerais não metálicos	0,71	5,61	0,93	-0,15
Metalúrgica	1,15	8,32	1,15	-5,57
Mecânica	0,91	9,46	1,23	-4,14
Material elétrico e de comunicações	0,93	8,63	1,03	-5,22
Material de transporte	0,54	8,82	0,93	-5,58
Madeira e mobiliário	0,73	0,77	0,98	-1,04
Papel e gráfica	0,77	4,12	0,68	-0,48
Borracha, fumo e couros	-0,02	4,58	0,53	0,42
Química	1,05	5,56	1,07	1,62
Têxtil e vestuário	1,04	5,99	1,07	2,09
Calçados	0,87	10,91	2,67	9,61
Produtos alimentícios e bebidas	3,65	10,52	3,37	6,23
TOTAL	1,53	7,48	1,68	0,85

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS – CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

2 O comportamento do emprego formal na indústria de transformação do Brasil e do RS

Na estrutura setorial do emprego formal no Brasil, a indústria de transformação praticamente se iguala ao comércio (em torno de 18,00%), dividindo a terceira posição em ordem de importância. O setor serviços lidera com 31,89% dos empregos com vínculos legais, secundado pela administração pública (21,06%). A construção civil ocupa o quarto lugar, com 4,85% dos empregados no País. No Rio Grande do Sul, a indústria de transformação tem uma representatividade maior, ocupando o segundo lugar no *ranking*, responsável por 26,43% do total dos empregados formais. O setor serviços lidera com 29,34% dos empregados, enquanto o comércio (19,60%) e a administração pública (16,50%) se encontram na terceira e quarta posições respectivamente. A construção civil, com 3,75% do total dos empregados no Estado, ocupa a quinta posição. A indústria de transformação, em 2008, empregava 7.310.840 trabalhadores no Brasil e 666.423 no RS.⁹

O arrefecimento no ritmo de crescimento do PIB em 2008 (5,1%) comparativamente ao ano de 2007 (5,7% frente a 2006) desencadeou efeitos deletérios sobre o mercado de trabalho, notoriamente no último trimestre de 2008, quando o PIB teve o desempenho mais desfavorável (-3,4%) em relação ao terceiro trimestre do mesmo ano, o maior recuo da série histórica iniciada em 1996. O setor mais afetado pela crise econômica mundial foi o da indústria, que registrou quedas de 7,4% do terceiro para o quarto trimestre de 2008 e de 2,1% nos três últimos meses de 2008 frente ao mesmo período de 2007, sendo que a indústria de transformação, por si só, exibiu queda de 4,9% na mesma comparação. No total de 2008, a indústria cresceu 4,3%, sendo que a maior alta, dentro do setor, ocorreu na construção civil (8,0%), e a menor, na indústria de transformação (3,2%).

A economia brasileira, depois de dois trimestres consecutivos de retração, voltou a crescer no segundo trimestre de 2009, com alta de 1,9% frente ao trimestre anterior, encerrando o quadro de recessão técnica. De igual forma, o PIB industrial também mostrou recupe-

ração, com crescimento de 2,1% sobre o primeiro trimestre de 2009. No entanto, em relação a igual período de 2008, o PIB teve recuo de 1,2%, sendo que a indústria decresceu 7,9%. No primeiro semestre de 2009, verificou-se uma retração do PIB de 1,5% frente ao mesmo período de 2008, com uma acentuada queda na indústria (-8,6%). Das quatro atividades que compõem a indústria no cálculo do PIB, a maior redução foi na indústria de transformação (-11,2%), seguida pela construção civil (-9,6%), considerando-se a mesma comparação semestral.

A produção industrial, conforme a Pesquisa Industrial Mensal Produção Física (PIM-PF) do IBGE, registrou, em agosto de 2009, um crescimento de 1,2% frente ao mês anterior¹⁰, marcando a oitava elevação consecutiva no ano, mas ainda apresenta níveis bem abaixo dos registrados antes do agravamento da crise econômica. A perda observada desde outubro do ano passado reflete-se na retração de 7,2% frente a agosto de 2008 e na queda de 12,1% no acumulado de janeiro a agosto de 2009 confrontado com o mesmo período do ano anterior. De janeiro a agosto de 2009, a indústria nacional teve expansão de 13,5%, atingindo quase todas as atividades.

A economia do RS parece ter sofrido um impacto maior com a crise. O PIB estadual, quarto no *ranking* do País, teve uma variação de 3,8% em 2008, o que representa uma desaceleração no crescimento econômico estadual relativamente à expansão verificada em 2007 (7,0%).¹¹ O setor mais prejudicado foi a agropecuária (-8,4% frente a 2007), enquanto a indústria experimentou um crescimento de 6,7% (graças à indústria de transformação e à construção civil), e o setor serviços¹² de 4,6% relativamente a 2007. A indústria de transformação teve um incremento de 6,5% relativamente a 2007, e a construção civil, 9,3%, alcançando resultados melhores do que o agregado nacional.

Dos segmentos que compõem a indústria no RS, os destaques positivos, tratando-se do Valor Adicionado Bruto (VAB), em 2008, foram máquinas e equipamentos (23,9%), veículos automotores (20,9%) e alimentos (8,5%). Os destaques negativos foram os segmentos de

⁹ Os dados relativos a estoque de empregados formais foram extraídos da RAIS (2008).

¹⁰ O PIB do RS e o VAB dos setores de atividade são calculados e divulgados pelo Núcleo de Contabilidade Social da Fundação de Economia e Estatística (FEE/NCS). Disponível em: <www.fee.rs.gov.br>.

¹² Na metodologia de cálculo do PIB, o setor serviços contém o comércio, portanto não se trata da mesma classificação setorial das bases do MTE/CAGED e RAIS.

produtos de fumo (-9,6%) e calçados e artigos de couro (-7,6%).

A produção industrial no RS mostrou acréscimo de 1,9% no mês de agosto frente a julho,¹³ superando a média nacional e marcando o terceiro avanço consecutivo; no entanto, na comparação com agosto de 2008, ocorreu queda de 5,7%, o que se verificou na maioria dos segmentos investigados, com destaque para veículos automotores (-23,4%), máquinas e equipamentos (-16,6%), calçados e artigos de couro (-19,3%) e produtos de metal (-21,2%). No acumulado de janeiro a agosto de 2009 frente a igual período de 2008, a indústria recuou 11,8% — com desempenho negativo para a maioria das atividades pesquisadas —, mantendo a trajetória descendente iniciada em outubro de 2008.

Como já visto, o emprego industrial, que vinha demonstrando dinamismo ao longo de 2008, foi atingido “em cheio” quando a crise internacional alcançou o seu ápice, apresentando taxas acentuadamente declinantes no final do ano, notoriamente no agregado nacional, uma vez que, no RS, o emprego na indústria não vinha exibindo o mesmo dinamismo no curso de 2008. As taxas de variação no período pré-crise dão uma ideia do contraste entre os planos nacional e regional: em agosto de 2008, a indústria de transformação, no Brasil, cresceu 0,74% frente ao mês anterior; em setembro, 1,53%; e, em outubro, 0,12%; enquanto, no RS, se registraram taxas de 0,09%, 0,15% e -0,17% respectivamente. Nos dois últimos meses do ano, no auge da crise, invertem-se as situações, a indústria tem um recuo maior no País (-1,06% em novembro e -3,63% em dezembro) do que no Estado (-0,71% e -2,57%). No cômputo geral de 2008, os resultados aproximam-se, a indústria de transformação do RS ficou com um desempenho um pouco aquém da do Brasil, atingindo um incremento de 2,30% (adição de 15.042 postos) diante dos 2,55% da indústria no Brasil (adição de 178.675).

Na esteira da recuperação da produção industrial dos últimos meses, o emprego formal na indústria de transformação também busca um novo impulso, como se observou mais acima, ao examinar o movimento do emprego nos nove primeiros meses de 2009 (Gráfico 1), sobretudo a partir do mês de agosto, que representa uma mudança de patamar ante os resultados dos meses anteriores no Brasil (Tabelas 1 e 2). No mês de setembro, todos os gêneros da indústria de transformação no Brasil apontaram crescimento frente ao mês anterior, sendo que

as maiores taxas de crescimento foram as de produtos alimentícios e bebidas (3,37%) e calçados (2,67%), que se situaram acima da média da indústria de transformação (1,68%). Em termos absolutos, destacam-se produtos alimentícios e bebidas (62.732 postos), têxtil e vestuário (10.502), calçados (8.893), metalúrgica (8.069) e química, produtos farmacêuticos e veterinários (7.908). No confronto com igual mês do ano anterior, chama atenção o fato de que nove atividades alcançaram saldos líquidos superiores em 2009, com realce para a indústria de calçados (três vezes superior a setembro de 2008) e para a de material de transporte (1,6 vezes superior a setembro de 2008).

No acumulado de janeiro a setembro de 2009, verifica-se, no Brasil, quase um equilíbrio entre o número de segmentos com retração e o dos com expansão do emprego. Sete atividades apresentaram queda, sendo as mais pronunciadas em material de transporte (-5,58%), na metalúrgica (-5,57%), em material elétrico e de comunicações (-5,22%) e na mecânica (-4,14%). Dentre os seis segmentos com sinal positivo, cabe realçar calçados (9,61%) e produtos alimentícios e bebidas (6,23%). A comparação com o mesmo período do ano anterior revela a extensão da crise no mercado de trabalho industrial: em 2008, todos os segmentos estavam em expansão, com seis deles crescendo acima da média da indústria de transformação (7,48%), valendo um destaque para a indústria de calçados (10,91%), a de produtos alimentícios e bebidas (10,52%), a mecânica (9,46%) e a de material de transporte (8,82%), sendo que a de madeira e mobiliário mostrava o pior resultado (0,77%).

Na indústria do Rio Grande do Sul (Tabelas 3 e 4), o processo de recuperação do emprego formal parece ter tomado corpo em setembro, basta ver que, nesse mês, apenas a borracha, fumo e couros experimentou queda (-1,69) frente ao mês anterior. As maiores taxas de incremento foram de 2,0% na mecânica, de 1,21% na metalúrgica, de 1,14% na madeira e mobiliário, de 0,96% na química, de 0,95% na de material elétrico e de comunicações, de 0,94% na de material de transporte e de 0,85% na de calçados, observando-se a sensível diferença entre o desempenho do segmento calçados no RS e no agregado nacional, onde ele cresceu cerca de três vezes mais. No outro extremo, os segmentos que menos cresceram foram papel e papelão (0,49%), produtos alimentícios e bebidas (0,53%) e têxtil e vestuário (0,53%), todos abaixo da média de crescimento do emprego industrial (0,73%). Em termos absolutos, sobressai o volume de postos fechados pela indústria de borracha, fumo e couros (-904) e aqueles gerados pela

¹³ Pesquisa Industrial Mensal Produção Física – Regional. IBGE. Série com ajuste sazonal.

indústria mecânica (1.211) e pela indústria de calçados (982). Em contraste com setembro de 2008, observa-se o mesmo movimento de queda na atividade de borracha, fumo e couros, mas com uma intensidade maior tanto no absoluto (-1228) quanto no relativo (-2,48%), praticamente o mesmo que foi adicionado pela de produtos alimentícios e bebidas (1.165), responsável pelo maior acréscimo absoluto. A exemplo do Brasil, várias atividades da indústria de transformação sul-rio-grandense exibiram incremento maior em 2009 do que no ano anterior, notadamente calçados, que saiu do negativo.

No acumulado de janeiro a setembro de 2009, os gêneros da indústria de transformação mais expressivos na estrutura do emprego formal no RS mostraram recuo, como calçados (-0,51%), produtos alimentícios e bebidas (-0,88%), metalúrgica (-5,00%) e mecânica (-3,41%). As quedas mais acentuadas foram em material de transporte (-8,77%) e material elétrico e de comunicações (-7,60%), chamando atenção o fato de que o emprego em borracha, fumo e couros tenha alcançado a maior taxa de crescimento (5,59%). A extensão do prejuízo é mais nítida ainda quando se confrontam esses dados com os de igual período do ano anterior, em que a totalidade das atividades se encontrava em alta: mecânica e material elétrico e de comunicações exibiam as maiores (e expressivas) taxas (14,15% e 11,17% respectivamente), seguidas pelas de: indústria de minerais não metálicos, metalúrgica, material de transporte e têxtil e vestuário, todas com percentuais entre 9,71% e 11,12%; a indústria de calçados, que tantos problemas tem enfrentado em virtude das dificuldades de manter posições no mercado internacional (vide concorrência, sobretudo, com os produtos chineses e o real valorizado prejudicando as vendas externas), crescia a uma taxa de 3,23%, bem abaixo da média nacional e bem mais abaixo da de São Paulo (25,46%), devendo-se observar que a indústria de calçados, em São Paulo (SP), logrou um crescimento de 22,97% no ano de 2009 (Tabelas 3 e 4). O comportamento do emprego no segmento calçadista gaúcho não deixa de causar estranheza, tendo em vista que tanto o RS quanto SP têm uma marcante inserção no mercado internacional; logo, a dependência da demanda externa não é suficiente para explicar o contraste entre o desempenho dos calçados do RS e o de outros estados produtores. A medida "antidumping" que tarifa os calçados procedentes da China, recentemente publicada, certamente modificará as condições de competição no mercado interno, favorecendo as empresas brasileiras.

O desempenho do mercado de trabalho formal nos nove primeiros meses de 2009 permite supor que o pior

da crise para o Brasil já passou. A menos que haja um agravamento da crise externa, a retomada do crescimento deve se confirmar. O Rio Grande do Sul, com uma trajetória singular, com seus tempos e ritmos, também já dá sinais de recomposição do nível de emprego, notoriamente em setembro, o que deverá ter continuidade nos meses subsequentes. A lamentar que os postos gerados se concentrem nas faixas de salário inferiores, o que vem ao encontro das várias análises sobre o mercado de trabalho, que mostram que a criação de empregos no Brasil esconde um mecanismo perverso de rebaixamento dos salários.

Como bem conclui a **Carta de Conjuntura** do IPEA (set. 2009):

Em uma análise mais geral, é possível chegar à conclusão de que o desempenho do mercado de trabalho brasileiro aponta na direção de que a economia brasileira deixou para trás o pior. Deste ponto de vista, é possível esperar um segundo semestre que confirme a trajetória de melhoras dos indicadores deste segmento. Resta aguardar a realização de análises futuras acerca do papel do emprego no que diz respeito à velocidade da recuperação e ao ritmo que ela vai assumir. Dos estudos acerca destas questões surgirá, provavelmente, a resposta sobre como será o comportamento da economia brasileira para o ano de 2010. Em suma, o segundo semestre de 2009 será decisivo no sentido de confirmar as expectativas atuais de que a economia brasileira vai retomar a trajetória abortada no último trimestre de 2008.

Tabela 3

Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal, por subsetores de atividade da indústria de transformação, no RS — jan.-set./08-jan.-set./09

INDÚSTRIAS	SET/08	ACUMULADO JAN-SET/08	SET/09	ACUMULADO JAN-SET/09
Minerais não metálicos	175	1 614	125	764
Metalúrgica	838	6 963	776	-3 419
Mecânica	26	8 463	1 211	-2 182
Material elétrico e de comunicações	108	1 876	155	-1 351
Material de transporte	247	4 431	397	-4 096
Madeira e mobiliário	335	1 718	590	1 193
Papel e gráfica	111	811	139	-94
Borracha, fumo e couros	-1 228	32	-904	2 778
Química	362	2 916	468	724
Têxtil e vestuário	181	3 063	188	1 178
Calçados	-1 298	3 915	982	-591
Produtos alimentícios e bebidas	1 165	3 116	702	-1 183
TOTAL	1 022	38 918	4 829	-6 279

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS – CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

Tabela 4

Variação percentual do emprego formal, por subsetores de atividade da indústria de transformação, no Rio Grande do Sul — jan.-set./08-jan.-set./09

INDÚSTRIAS	SET/08 AGO/08	ACUMULADA JAN-SET/08	SET/09 AGO/09	ACUMULADA JAN-SET/09
Minerais não metálicos	1,09	11,12	0,74	4,70
Metalúrgica	1,17	10,66	1,21	-5,00
Mecânica	0,04	14,15	2,00	-3,41
Material elétrico e de comunicações	0,58	11,17	0,95	-7,60
Material de transporte	0,52	10,21	0,94	-8,77
Madeira e mobiliário	0,64	3,39	1,14	2,35
Papel e gráfica	0,37	2,80	0,49	-0,33
Borracha, fumo e couros	-2,48	0,07	-1,69	5,59
Química	0,70	5,95	0,96	1,50
Têxtil e vestuário	0,52	9,71	0,53	3,44
Calçados	-1,02	3,23	0,85	-0,51
Produtos alimentícios e bebidas	0,92	2,51	0,53	-0,88
TOTAL	0,15	5,96	0,73	-0,93

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

Referências

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS – CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008; 2009.

CARTA DE CONJUNTURA IPEA. [Brasília, set. 2009. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: out. 2009.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **VAB estadual**, série histórica. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br>>. Acesso em: outubro 2009.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **PIB estadual**: desempenho da economia 2008. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br>>. Acesso em: out. 2009a.

IBGE. **Pesquisa industrial mensal**; produção física — PIM/PF. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: out. 2009.

IBGE. **Sistema nacional de índices de preços ao consumidor**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: out. 2009.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008.

